

# ***Pregoeiro da Justiça***

Dedicado a restauração do cristianismo do Novo Testamento  
nesta geração — só pela graça, só por Cristo, só pela fé

---

1981 - 1982

Volume 1, Número 3

---

**Cartas—pág. 2**

**Editorial—pág. 4**

**A Mensagem de Paulo Sobre  
a Justificação—pág. 6**

**O Reino da Graça e o Reino da Glória  
—pág. 18**

**O Evangelho e as Chaves Secretas  
—pág. 25**

**O Governo Ideal—pág. 28**

**Pregoeiro da Justiça** é uma revista dedicada a restauração do cristianismo do Novo Testamento nesta geração. Está destinada especialmente a erguer a verdade da justificação pela fé que apresentou o apóstolo Paulo, e mais tarde os reformadores, e neste tempo quando aquela verdade está sendo ameaçada pelo humanismo, o pentecostalismo e o ecumenismo. Vendo a necessidade de uma revista não sectária, baseada no princípio da Reforma, "as Escrituras", os redatores e os promotores desta revista uniram-se para produzir uma publicação cuja norma é a Bíblia e somente a Bíblia como única regra de fé e prática. O propósito desta revista é dar a trombeta do Evangelho o somido certo (1 Cor. 14:7-9), para que através de palavras de fácil entendimento sejamos todos confirmados na verdade presente (2 Ped. 1:12), e qual Noé pregoeiro da justiça (2 Ped. 2:5).

Editor: Ricardo Marín

**Promovedores:** Um grupo de cristãos cujo objetivo é promover a restauração dos ensinamentos do Novo Testamento. Esta revista não tem patrocínio denominacional. Ela é mantida somente por ofertas voluntárias daqueles que veem no **Pregoeiro da Justiça** uma esperança e salvaguarda para a geração atual.

**Colaboradores:** Sendo que a verdade está acima das preferências e dos preconceitos de qualquer denominação, os editores dão boas vindas aos escritos de quem desejar colaborar e os julgarão somente por seus méritos. Se deseja seu manuscrito devolvido, favor nos avisar quando o enviar.

**Subscrições:** As subscrições são grátis a quem solicitar pessoalmente. Use o cupom previsto na última página.

**Pregoeiro da Justiça**, P. O. Box 700, Fallbrook, California 92028 EE.UU.

Publicação por **Life Research International**, P. O. Box 700, Fallbrook, California 92028 EE.UU. Copyright © 1982 by **Life Research International**. Direitos reservados. Permissão para reproduzir obter-se-á solicitando-nos por escrito.



Recebi e li com muito prazer o segundo número de *Pregoeiro da Justiça*. . . . Vossos artigos são objetivos e apresentam o que o cristianismo instável de nossos dias mais necessita: o fundamento bíblico. Agradeço muito a vocês e estou certo que Deus vos abençoará.

S. P. O.

**Minas Gerais, Brasil**

Por intermédio de um amigo, recebi a excelente publicação *Pregoeiro da Justiça*, volume 1, Número 2. Todos os assuntos expostos foram tratados de maneira clara, objetiva e eficiente. Que Deus continue a iluminá-los em tão valiosos propósitos.

E. A. de S.

**São Paulo, Brasil**

Quero parabenizá-los pelo excelente trabalho, que dimensiona a obra do Senhor na verdade; e que nos despertou, então, para uma verdade negligenciada pelos proclamadores do Evangelho, o que não passa de um "comodismo". Também pelo conhecimento que nos proporcionou, deu-nos entusiasmo para um estudo mais a fundo das grandes verdades bíblicas.

D. M. N. e G. A. D.

**São Paulo, Brasil**

# Cartas

Enviem suas cartas para *Pregoeiro da Justiça*  
P. O. Box 700, Fallbrook, California 92028



Acuso o recebimento . . . de *Pregoeiro da Justiça* por intermédio do pastor de minha Igreja, gostaria de receber periodicamente esta literatura. Gostei muito dos artigos inspirativos e dos objetivos desta publicação, “Restauração do cristianismo do Novo Testamento nesta geração só pela graça, só por Cristo, só pela fe”.

H. R. L.  
Minas Gerais, Brasil

Pela presente, estou solicitando sua ajuda, no sentido de enviar-me pelo menos cem (100) exemplares da revista *Pregoeiro da Justiça*, em seu número que traz um excelente artigo sobre o Batismo do Espírito Santo. Este pedido é feito, tendo em vista a urgente necessidade que temos em nossa Igreja local, em realizarmos estudo fundamentado bilicemente sobre tal assunto, pois estamos enfrentando sérias dificuldades com vários irmãos que andam em busca de experiências carismáticas sem uma base bíblica.

P. E. M. A.  
Paraná, Brasil

Desejo tornar-me subscritor da revista *Pregoeiro da Justiça* por estar cansado de ouvir discursos sobre a Bíblia e tão pouco sobre a sua essência verdadeira: o Evangelho de Jesus Cristo.

Encontrei nesta revista a boa nova do Evangelho tão raramente ouvida nos dias de hoje na maioria de nossas “Igrejas Evangélicas” e me sinto inspirado pelo Espírito Santo a cada artigo que nela leio e desejo compartilhar de seus ensinamentos com meus irmãos da classe de jovens a qual eu leciono em minha igreja.

S. M. P.  
São Paulo, Brasil

## EDITORIAL

Nosso mundo não mais se acha na escuridão e superstição da Idade Média. Contudo, a ciência e a Renascença não conseguiram dar ao homem a segurança de sua aceitação para com Deus que tanto anela. Por conseguinte, cremos que o mundo está já maduro para ouvir novamente a mensagem bíblica da justificação.

Os patrocinadores desta revista somos protestantes. Estamos, porém, convencidos de que, tanto os católicos como os livres pensadores, encontrarão em suas páginas artigos pertinentes, fáceis de compreender e formadores duma consciência bíblica. E conquanto não se pretenda publicar um periódico que agrade a todos os seus leitores e a ninguém ofenda, compartilhamos a opinião de que todos haverão de beneficiar-se, independentemente de estarem ou não de acordo com todas as suas proposições.

De modo muito especial convidamos nossos amigos católicos romanos a assinarem *O Pregoeiro*, conquanto não seja este um porta-voz da doutrina católica. Estamos certos de que, através de suas páginas, muitos católicos se surpreenderão ao descobrir que sua fé pessoal é protestante, e muitos protestantes hão de surpreender-se de ver que sua relação com Deus é fundamentalmente católica.

Uma peça clássico-religiosa que é integralmente aceita por todos os cristãos católicos e protestantes é o "Credo Apostólico." Em sua interpretação mais pura, a teologia do Credo não contém elemento algum de carácter divergente entre as duas referidas correntes de ideologia cristã.

É interessante notar que este magno documento cristão consiste de três partes que destacam as atividades distintivas do Pai, do Filho e do Espírito Santo dentro do grande plano da redenção em prol da restauração da humanidade.

Neste número esperamos, no primeiro artigo, focalizar o papel da Trindade na justificação do homem. Em seguida trataremos sobre o reino de Deus, a obra de Cristo, e o governo ideal. Aos leitores que ainda não são assinantes de *O Pregoeiro* convidamos a unir-se à nossa crescente lista de assinantes para assim poder receber todos os futuros números que saiam.

R. M.

## O CREDO DOS APÓSTOLOS

Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso,  
Criador do céu e da Terra,  
e em Jesus Cristo,  
seu único Filho, nosso Senhor,  
que foi concebido por obra e graça do Espírito Santo;  
nasceu da Virgem Maria,  
padeceu sob o poder de Póncio Pilatos,  
foi crucificado, morto e sepultado.  
Desceu aos infernos  
e ao terceiro dia ressuscitou dentre os mortos;  
subiu aos céus  
e está assentado à destra de Deus Pai Todo-Poderoso,  
donde há de vir a julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo,  
na santa igreja católica,  
na comunhão dos santos,  
no perdão dos pecados,  
na ressurreição da carne  
e na vida eterna.  
Amém.

# A Mensagem de Paulo

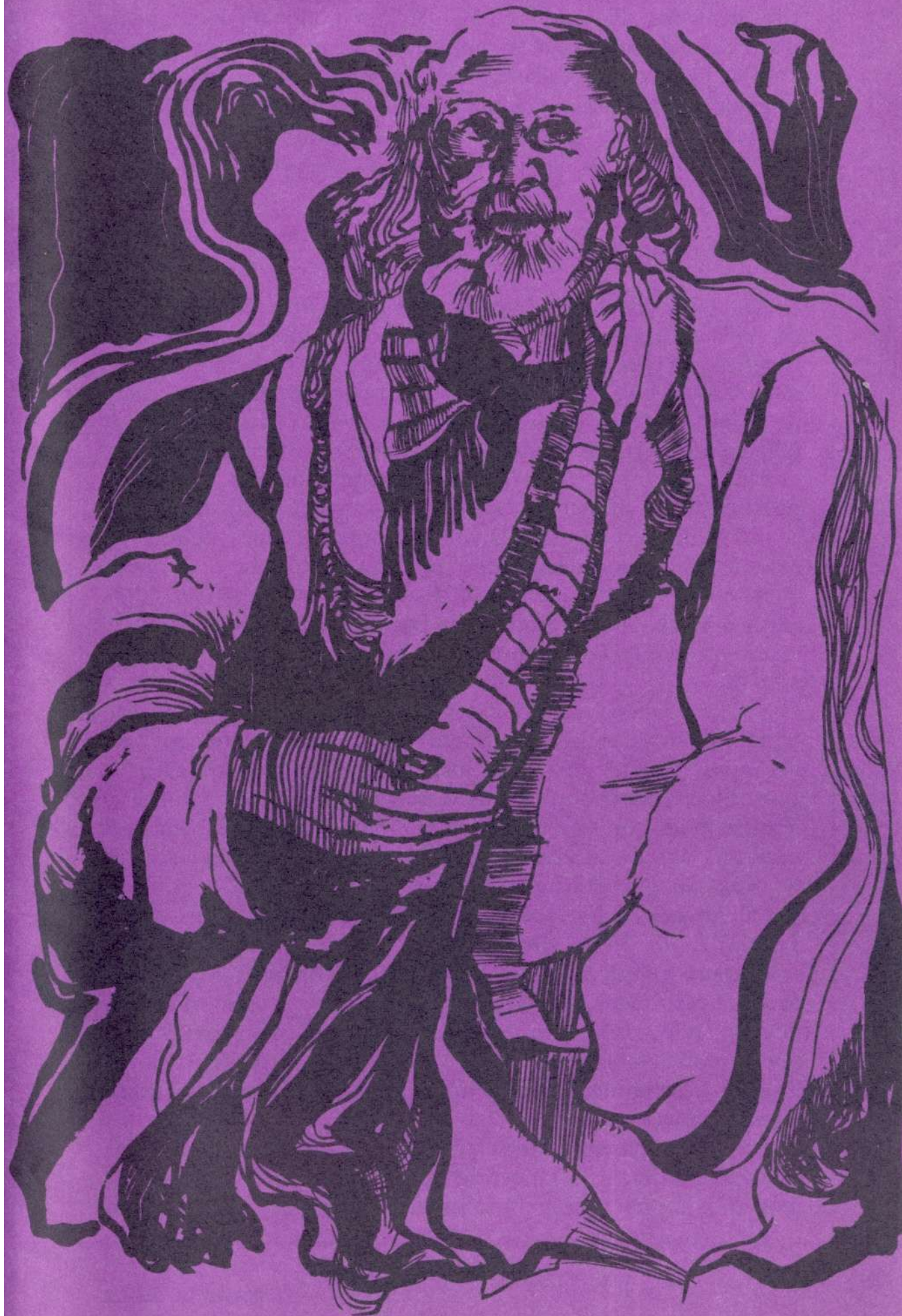
## Sobre a Justificação

Os Editores

O nascimento de Jesus foi o acontecimento mais surpreendente que já aconteceu sobre a terra. Nada igual a isto ocorreu no passado. E nada igual poderá suceder jamais. O Excelso e Único Santo que habita na luz inacessível e na incompreensível majestade se fez membro da família humana. O criador do céu, da terra e das galáxias do espaço sem fim nasceu de uma mulher, cresceu no humilde lar de um camponês, viajou como um pregador intinerante, morreu em agonia e vergonha, levantou da tumba e ascendeu ao céu. Os doze apóstolos foram escolhidos como testemunhas oculares destes acontecimentos.

Depois, o Cristo que ascendeu ao céu escolheu outro homem por meio do qual o Espírito Santo revelaria o verdadeiro significado daqueles acontecimentos históricos que os doze apóstolos testemunharam. É nos escritos de Paulo que o Evangelho dado aos hebreus em símbolos, sombras e promessas fica plenamente revelado. (Col. 1:25-27; Efé. 3:1-8; Gál. 1:12; 1 Tim. 1:3; 2 Cor. 3:10; 2 Cor. 12:1-5, 12; Rom. 16:25, 26).

O tema do Evangelho de Paulo era Cristo, e este crucificado para justificação dos pecadores (1 Cor. 2:2; Gál. 1:4). É certo que os demais apóstolos também deram testemunho da salvação dos pecadores por meio de Jesus; porém Paulo nos mostra como é que o Evangelho é uma revelação da jus-



tiça de Deus (Rom. 1:16, 17). Como pode um Deus justo justificar a pecadores? Como pode a extensão da misericórdia para transgressores da Lei ser consistente com as exigências da Justiça divina? Estas são não só perguntas interessantes, mas que devem ser respondidas, se é que o homem rebelde há de reconciliar-se com o caráter de Deus.

## A Justificação

A palavra-chave nos escritos de Paulo é *justificação*. Tanto no Velho como no Novo Testamento as palavras *justificar* e *justificação* têm um significado legal e judicial bem definido; são palavras que estão intimamente relacionadas com a idéia de juízo ou teste (Deut. 25:1, 1 Cor. 4:3; Mat. 12:37). A palavra *justificação* pode ser definida com ser alguém declarado justo por um tribunal. Quando se diz que Deus justifica a um homem, quer-se dizer que seu caso foi levado a juízo diante de Seu Divino Tribunal e que, depois de examinar o caso, declarou-se o acusado tão livre de qualquer falta e culpa como se fosse todo ele justo e agradável à vista de Sua Santa Lei. Em português convencional, a palavra *aceitação* se ajusta bem ao significado de *justificação*.

Se *justificação* significa ser declarado justo ante o Tribunal da infinita justiça, quem então será justificado? Ai de mim. “Como pois seria justo o homem perante Deus e como seria puro aquele que nasce de mulher?” “Que é o homem para que seja puro e o que nasce de mulher, para ser justo?” “Eis que Deus não confia nem nos seus Santos; nem os céus são puros aos seus olhos, quanto menos o homem que é abominável e corrupto que bebe a iniquidade como a água?” Jó. 25:4; 15:14-16.

Em sua grande epístola dirigida aos Romanos o apóstolo propõe responder ao grito universal do coração humano: “Como, pois, seria justo o homem perante Deus? Jó. 25:4. O que significa essa pergunta é: Que posso fazer para levar Deus a aceitar-me? Então a resposta de Paulo é enfática: Absolutamente nada!

Antes de apresentarmos o modo mediante o qual Deus alcança o homem, o apóstolo expõe a inutilidade do modo mediante o qual o homem tenta alcançar a Deus. Não há nem



um justo, ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus, ninguém que faça o bem (Rom. 3:10-12). Ninguém tem uma vida capaz de confrontar as normas da lei de Deus (Rom. 3:19). “Visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei...” Rom. 3:20.

Paulo não diz simplesmente que ninguém pode chegar a ser justo à vista de Deus mediante sua forma de agir. Aqui ele usa o tempo futuro do verbo. Ele quer dizer que nenhum mortal virá a ser considerado justo alguma vez com base em sua própria vida. Nenhum homem pode enfrentar o juízo de Deus com uma consciência tranqüila se sua confiança descansa no mérito de sua própria vida. A razão fica firmemente estabelecida: “Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.” Rom. 3:23. Ou ainda, como declara Salomão. “Não há homem justo sobre a terra, que faça o bem e que não peque.” Ecl. 7:20.

### A Atividade Salvadora da Trindade

Tendo abatido todo o orgulho humano, e havendo exposto a inutilidade de todos os meios humanos, o apóstolo nos mostra que a justificação do homem procede completamente de Deus:



Sendo justificados gratuitamente, por sua graça mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a quem Deus propôs no seu sangue como propiciação, mediante a fé, para manifestar sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação de sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus. Rom. 3: 24-26.

Estes três breves textos contêm a substância do Evangelho de Paulo; são maravilhosos em sua brevidade e alcance. O resto do livro pode ser considerado como um desenvolvimento das mesmas.

Note-se como estes versos cobrem a justificação sob três aspectos diferentes: por graça, por Cristo, e por fé. Aqui podemos ver a atividade salvadora das três pessoas da Trindade: Deus, o Pai, nos justifica por sua graça. Deus, o Filho, nos justifica dando-nos sua vida, e Deus, o Espírito Santo, nos capacita a aceitarmos isto dando-nos fé.

### Pela Graça Somente—A Fonte da Justificação

“Sendo justificados gratuitamente por sua graça (a do Pai) ...” Graça significa misericórdia e favor mostrado para com alguém que está perdido e nada merece. A fim de preservar a natureza gratuita da justificação, Paulo disse que os pecados são justificados “Gratuitamente” pela graça de Deus. A palavra “gratuitamente” significa “sem motivo” (ver João 15:25). Nenhum grau de crença, de obediência, de arrependimento ou de edificação do caráter pode levar Deus a considerar-nos alguma vez justo ante seus olhos. Alguém já disse acertadamente que justificação pela graça significa a divina aceitação de pessoas que são em si inaceitáveis.

É importante notar também que Paulo não só está falando acerca de tornar-se justificado no início da vida cristã. Ele usa o tempo presente contínuo do verbo—“Sendo justificados...” Isto inclui o estado de *permanecer* justificados, tanto como o ato de *chegar a ser* justificados. Isto significa que nunca podemos ultrapassar a justificação pela Graça. Não podemos permanecer no favor de Deus a não ser por pura misericórdia. A graça nos encontra pecadores, e permaneceremos justificados somente enquanto nos consideramos

pecadores à nossa própria vista. Se em algum momento pudessemos apresentar-nos como aceitáveis diante de Deus baseados em nossa fé, nossa obediência ou qualquer excelência moral, já não seria mais justificação por graça.

### Por Cristo Somente—O Modo da Justificação

Devemos também compreender a maneira pela qual a graça opera para fazer o pecador aceitável à vista de Deus. Diz-se que o modo de nossa justificação é...“mediante a redenção que há em Cristo Jesus” Rom. 3:24. Também se diz que somos justificados “...pelo seu sangue.” Rom. 5:9.

Os atos e a morte do Senhor Jesus constituem a única base de nossa aceitação para com Deus. Ele se constituiu no substituto e garantia para pobres e perdidos pecadores. Em favor deles deu à lei uma obediência que se mede com seus mais altos reclamos. Em seu favor, pelas agonias da sua morte, pagou à lei a dívida devida às transgressões.

A obediência ativa e passiva de Cristo (sua vida e morte) foi de todo suficiente para assegurar a justificação de todo pecador. Disse o apóstolo: “...um morreu por todos, logo todos morreram”. 2 Cor. 5:14. No que afeta à justiça, esta pode olhar a Cristo e considerar a todo homem como morto, como alguém que já satisfizes plenamente as exigências da Lei. E isto é assim porque Cristo é o substituto de todo homem. Em vista disso, em sua epistola aos Romanos o apóstolo Paulo faz esta surpreendente declaração: “O qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação”—Rom. 4:25. A justificação não se tem de assegurar. Ela já está segura. A ressurreição de Cristo é a prova de que Deus aceitou a humanidade na pessoa de seu Filho.

Alguém talvez pergunte: “Quer dizer que Deus já efetuou minha justificação através da morte de seu Filho?” Ao que respondemos: Isto é precisamente o Evangelho. São as boas novas do que Deus fez. O sepulcro vazio é a prova de que Deus já perdoou nossos pecados e nos tem recebido de volta a seu favor real. Escute isto: “...sua graça que ele nos concedeu gratuitamente no amado.” Efé. 1: 6. Há pessoas que se inclinam a pensar que se se arrependem, crêem ou se entregam, então Deus efetuará sua justificação. E supõem que isto

é o Evangelho. Não, não! Cristo se levantou de entre os mortos para provar que Deus já havia completado nossa justificação (Rom. 4:25). E esta poderosa reconciliação foi operada enquanto éramos pecadores (Rom. 5:8), e quando éramos inimigos (Rom. 5:10).

Isto suscita a pergunta: “Acaso Deus efetuou nossa justificação fazendo algo completamente fora de nós?” A resposta de Paulo é um enfático Sim! Então prosegue provando-o mediante um contraste entre Cristo e Adão (Rom. 5:15-19). Seu ponto central é: Quando Adão desobedeceu, a condenação e o pecado passaram a toda a raça humana. E isto aconteceu assim porque ele era nosso pai. Quando ele caiu, todos caíram. A condenação veio sobre nós, não por causa do que fizemos, mas por causa do que Adão fez (verso 18). “Pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores...” (verso 19). De modo que nós nos tornamos pecadores não por algo que aconteceu em nós, e sim por algo que aconteceu completamente fora de nós. Deus salvou a raça humana dando-nos outro pai: Jesus Cristo (Isa. 9:6). Da mesma maneira que todos foram condenados pelo que Adão fez, foram todos justificados pelo que Cristo fez. “...Por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida.” Rom. 5: 18. Porque como pela desobediência de um só homem muitos se tor-



naram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos” Rom. 5:19.

De modo que é para sempre certo que a única base da aceitação para com Deus é o que Cristo já fez por nós. Cristo, e unicamente Cristo foi encontrado agradável à vista de Deus. Existe somente uma razão para nossa aceitação para com Deus—o fato de que Cristo foi aceito. Sua obediência de dois mil anos atrás é a única base de nossa aceitação para com Deus no dia de hoje.

### **Pela Fé Somente—A Condição Para Receber Justificação**

No que tange a Deus, ele restituiu o mundo pecador ao seu favor tão certamente como recebeu a seu filho no Céu. Na cruz se efetuou a justificação objetiva de todo pecador. Ali Deus redimiu a raça. Heb. 9: 12.

À luz do Evangelho o homem não pode formular a pergunta: aceitar-me-á Deus? Deus já respondeu a esta pergunta mediante a ressurreição de Cristo dentre os mortos. Porém Deus confronta o pecador com a pergunta: Aceitarás a tua aceitação? A fé é nosso “sim” em resposta a essa pergunta de Deus; é aceitar o fato de termos já sido aceitos. No que nos toca, é tornar-nos conscientes de algo que já está em existência. Por meio da fé, a bênção da justificação é recebida e desfrutada. Este é o aspecto subjetivo da justificação.

Por isso o apóstolo declara: “Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé independente das obras da lei.” Rom. 3:28. Não somos justificados devido ou por conta de nossa fé. Isto seria completamente contrário à justificação somente pela graça e somente por Cristo. Não há mérito na fé. Esta é simplesmente a mão que aceita a bênção. Nem pode a alma justificada conseguir crédito por causa da fé. Fora da graça o pecador carece de livre arbítrio, de desejo de buscar a Deus e do meio de ver a verdade. Aqui é onde atua a terceira pessoa da divindade em matéria de justificação. Por meio do Evangelho, o Espírito ilumina a alma do pecador, mostra-lhe a cruz e o aproxima de Cristo. À medida que o pecador contempla o Único que o amou e deu-se a si mesmo por ele, o Espírito persuade o pecador de que o Evangelho é verdadeiro. Numa palavra, o Espírito lhe dá fé. De modo que Paulo declara: “Porque pela graça sois salvo mediante a fé,

isto não vem de vós, é dom de Deus.” Efé. 2:8. “Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé.” Gál. 5:5.

Por outro lado, *não crer* é o pecado de resistir ao Espírito Santo. Conquanto o santo não possa reivindicar nenhum crédito por causa da fé, o perdido tem que arcar com a plena responsabilidade devido a sua incredulidade. Ninguém é condenado por haver nascido pecador ou por ter uma natureza pecaminosa. Os homens são condenados somente por não crerem (Jo. 3:35). Dessa forma, recusam ser incluídos na expiação de Cristo e ao cerrarem seus ouvidos contra o Evangelho, chamam a Deus mentiroso (1 Jo. 5:9, 10).

No quarto capítulo de Romanos e apóstolo Paulo nos mostra como a fé é contada por justiça (Rom. 4:5). Deus imputa (ou credita) a justiça de Cristo na conta do pecador crente. Desta forma, o pecador é declarado como possuidor de boas relações com Deus. Essa justificação, que foi amplamente provida pela cruz, vem a ser posse pessoal do crente através da fé, de sua parte, e por imputação, da parte de Deus. A fé é levada em conta pela infinita justiça de Cristo, não devido a que haja mérito na fé mas devido ao fato de que a fé une o desvalido crente com o único em que habita toda a plenitude da divindade (Col. 2: 9). O pecador não leva contribuição alguma a esta união exceto a desgraça de sua necessidade. Cristo confere a esta união todo o tesouro da eternidade. Assim como uma mulher pobre possui o nome de seu rico esposo e a glória de sua reputação, também o crente em Jesus está vestido no nome e na virtude de Jesus Cristo.

A justificação pela fé somente não é um substituto para a obediência mas constitui um poderoso estimulante para produzir toda verdadeira obediência. A alma que se apropria de sua aceitação no Amado fica tão submergida pela misericórdia e amor divino que toda sua vida fica dedicada ao serviço d’Aquele que a amou e se deu a si mesmo por ela. Ela lhe serve não a fim de ser aceita, mas porque foi aceita. Oferece-lhe suas obras, não como uma oferta pelo pecado, mas como uma oferta de agradecimento em vista de ter obtido o perdão de seus pecados. A fé é o poderoso progenitor de toda boa obra porque traz o Espírito Santo. A fé na obra de Cristo por nos traz o Espírito Santo para habitar em nós. (Gál. 3:14; Jo. 7:37, 38). Ele escreve a lei de Deus no coração (Heb. 10:16) e o crente obedece motivado por uma convicção interna...e não por uma compulsão externa.

## Salvos Na Esperança

A justificação pela fé traz mudanças radicais na vida do crente (paz, gozo, amor, regeneração, santificação, obediência etc.) Sem embargo, nesta vida segue sendo verdade que o crente é justo unicamente por fé, nunca por visível realidade. É sua fé que é contada por justiça, não sua regeneração, nem sua santificação, nem sua obediência ou caráter cristão.

A justiça pela fé significa que o justificado crente não está na terra, mas no céu; não em si mesmo, mas em Cristo Jesus. O homem nunca pode achar perfeição em si mesmo enquanto está neste mundo. Isto somente se alcança em Jesus Cristo (Col. 2:9,10). E ele não está sobre a terra; mas no céu. O crente possui perfeição e cumprimento unicamente pela fé.

É certo que Ihe é concedido o Espírito Santo como a garantia de sua herança em Cristo (Efé. 1:13, 14), porém isto é somente “as primícias” do Espírito, o penhor e promessa que lhe são dados até o dia da redenção final (Rom. 8: 23; Efé. 4: 30). A posse do Espírito não conduz o crente a sentir que já alcançou seu destino ou ao pensamento de que pode achar satisfação em sua própria experiência. Antes, o que faz o Espírito é estimular-lhe com

NINGUÉM  
É CONDENADO  
POR HAVER  
NASCIDO  
PECADOR



ferventes anelos para o dia de Cristo, ocasião na qual receberá uma porção do Espírito que é impossível de alcançar nesta vida. A doutrina do segundo advento de Cristo é parte vital da mensagem do Evangelho de Paulo. (2 Tim. 1: 10; Fil. 1: 6; 1 Cor. 1: 7, 8). Poderíamos dizer que existem dois grandes pontos na teologia Paulina—a justificação e a vinda de Cristo. A primeira é um chamado para a fé; a segunda, para a esperança. O primeiro já temos; a segunda, ainda não. Possuindo a justiça pela fé, o crente espera, geme e anseia pela realização da justiça como uma realidade tangível no dia da salvação final. (Rom. 8: 23; Gál. 5: 5; Fil. 3: 9-12).

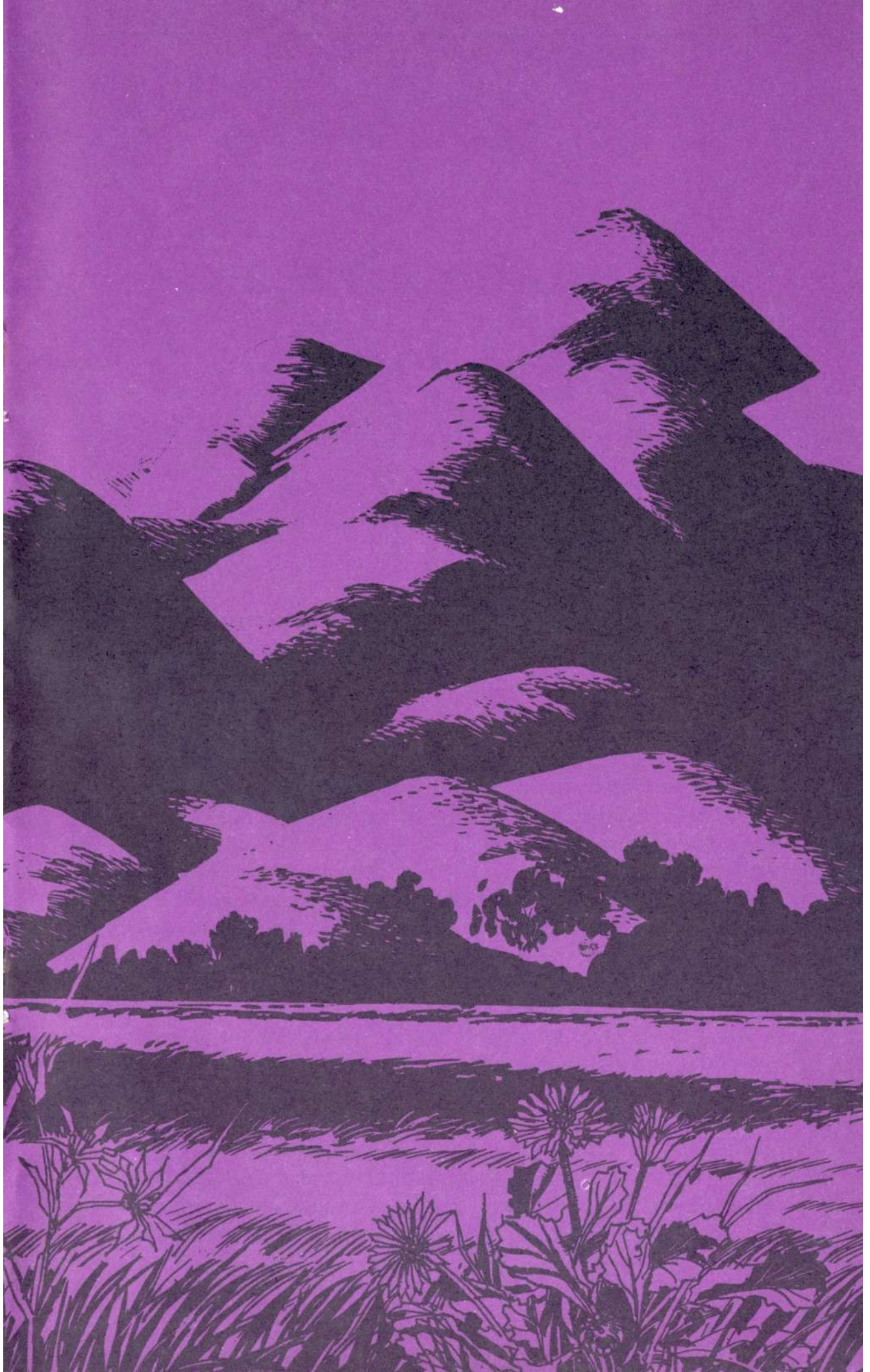
Onde quer que a verdade da justificação pela fé tenha sido ensinada e recebida, a esperança e expectativa pela breve vinda de Cristo se tem apossado da igreja. A igreja apostólica estava incendiada com a esperança da Parusia (vinda). Por outro lado, o extravio da verdade da justificação tem conduzido à perda correspondente da esperança escatológica (do dia final). Durante a era medieval os homens olhavam para a igreja terrestre como expressão do cumprimento humano. Não havia esperança na vinda de Cristo. Com o reavivamento da verdade da justificação os homens começaram novamente a buscar com ardor e esperança a vinda de Cristo. E, por fim, nestes dias finais o tempo alcançou sua plenitude para que dita verdade fique restabelecida ao lugar que lhe corresponde. A mensagem da justiça de Cristo deve soar de um a outro confim da terra, e, por conseguinte, preparar o caminho para a vinda de Cristo em seu reino de glória.

“Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus. Todo vale será aterrado, e nivelados todos os montes e outeiros; o que é tortuoso será retificado, e os lugares escabrosos, aplanados. A glória do Senhor se manifestará, e toda a carne a verá, pois a boca do Senhor o disse.

Uma voz diz: Clama; e alguém pergunta: Que hei de clamar? Toda a carne é erva, e toda a sua glória como a flor da erva; seca-se a erva, e caem as flores, soprando nelas o hálito do Senhor. Na verdade o povo é erva; seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente.

Tu, ó Sião, que anuncias boas-novas, sobe a um monte alto! Tu, que anuncias boas-novas a Jerusalém, ergue a tua voz fortemente; levanta-a, não temas, e dize às cidades de Judá: Eis ai está o vosso Deus. Eis que o Senhor Deus virá com poder, e o seu braço dominará; eis que o seu galardão está com ele, e diante dele a sua recompensa.” Isaías 40:3-10.





# O Reino da Graça e o Reino da Glória

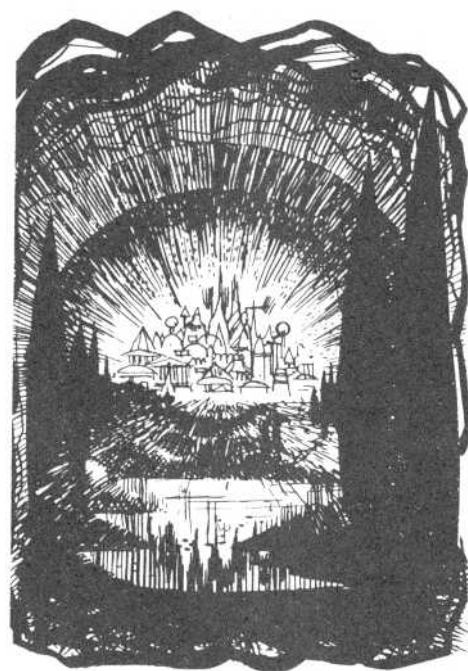
Roberto D. Brinsmead

“Assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá a segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação.” Heb. 9: 28.

A mensagem do Evangelho gira em torno de dois grandes eventos: O primeiro é a segunda vinda de Cristo. Assim como há dois adventos distintos, há dois reinos distintos, trazidos à luz pelo Evangelho: O reino da graça e o reino da glória.

Quando Cristo começou a pregar “... e o reino de Deus está próximo...” (Mar. 1: 15) não estava se referindo ao futuro e imortal reino da glória. Ele se referia ao reino da graça que havia de estabelecer por seu amargo sofrimento e morte uma vez que este reino existia por propósito desde a eternidade, e por virtude de uma promessa desde a queda do homem (Rom. 16: 25; Gên. 3: 15).

Disse o escritor da epístola aos Hebreus: “Acheguemo-nos, portanto, confiantemente junto ao trono da graça a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça...” Heb. 4: 16. O trono da graça representa o reino da graça, uma vez que a existência de um trono implica a existência de um reino. É-nos dito que quando Cristo subiu ao céu assentou-se no trono (Heb. 1: 3; Heb. 8: 12). Ele não se assentou no trono da glória; assentou-se no trono da graça, em seu trono sacer-



dotal do ofício intercessório. O profeta disse: “...Ele...assentar-se-á no seu trono e dominará e será sacerdote no seu trono...” Zac. 6: 13.

O reino da glória existe ainda que por virtude da promessa e não será estabelecido antes do segundo advento de Cristo. O próprio Jesus disse: “Quando vier o filho do homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará no trono de sua glória, e todas as nações serão reunidas em sua presença...” Mat. 25: 31, 32.

### Confundindo os Dois Reinos

Na época do primeiro advento, o povo judeu esperava um Messias que haveria de assentar-se no trono de Davi. Quando ouviram João Batista proclamar, “O reino dos céus está próximo”, encheram-se de visões da glória de um reino literal. Nem mesmo João Batista e os discípulos de Jesus tinham uma idéia correta do propósito do primeiro advento de Cristo, nem idéia da natureza do reino que Ele estava para estabelecer. No início eles não podiam distinguir claramente entre o reino da graça e o reino da glória.

A mesma confusão existe ainda na mente de muitos que professam a fé cristã. Quando pessoas dizem que a vinda de Cristo é sua vinda ao coração de seu povo estão confundindo

tragicamente o reino da graça e o reino da glória. Quando os crentes começam a buscar aqui e agora um cumprimento espiritual, uma segunda bênção de perfeição empírica, estão tentando trazer certos elementos do reino da glória ao reino da graça, trazer o “ainda não” dentro do “agora”. 1 João 3:2.

## O Reino da Graça

Um reino se estabelece costumeiramente por guerra e conquista. O reino da graça não é uma exceção. Ficou já estabelecido pelo conflito e a conquista do reino da morte e do diabo por parte de Cristo. “E despojando os principados e as potestades, publicamente as expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.” Col. 2: 15. “Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele igualmente participou para que por sua morte destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo.” Heb. 2: 14.

Quem são os que entram no reino da graça? Os pecadores; os pecadores de toda classe. Porquanto Graça significa favor ou misericórdia para com aqueles que são pecaminosos, perdidos e indignos. Os santos anjos não necessitam, nem tão pouco recebem, graça e não é privilégio deles entrar neste reino. Este reino é para o aleijado, para o coxo, para o cego.

Do seu trono de graça Cristo advoga ante a Justiça para que os pecadores possam ser admitidos neste reino. Neles mesmos não têm direito à entrada. Somente merecem a morte e extermínio. Porém Cristo intercede pelos transgressores. Isa. 53: 1. Ele fez propiciação por seus pecados e satisfez a justiça em seu favor. Entre Deus e o pecador só fica a misericórdia—a infinita misericórdia. Graça significa ser aceito apesar de ser inaceitável. É ser completamente compreendido e completamente perdoado. Os que procuram fazer dignos a si mesmos ou mais aptos para entrar no reino da graça estão cavando de fato profundas valas diante das portas do reino que nunca poderão atravessar.

Não obstante, não devemos imaginar que a graça colocará um homem no céu contra sua própria vontade. Lá só podem entrar os que crêem. E não é que a fé possa ser autogerada pelo pecador (porque a graça, e unicamente ela, inspira e cria fé), mas a fé é o pecador dizer “sim” ao convite de Deus para entrar pelas portas da justificação e aceitação.

Se unicamente os pecadores podem entrar no reino da graça, quem, então, são os súditos desse reino? A resposta é: *Os pecadores*. Se não fossem pecadores não seria o reino da graça. Os súditos deste reino comem, bebem, e respiram graça. E a graça é somente para pecadores. O apóstolo Paulo disse: “Pois todos pecaram e carecem<sup>1</sup> da glória de Deus.” Rom. 3: 23. Aqui temos uma definição do pecado. Significa estar destituído da glória de Deus. (Tanto no hebraico como no grego, a palavra para pecado em geral, significa ficar aquém, errar o alvo). Não somente estamos todos destituídos da glória de Deus, mas também continuamos cada vez mais destituídos da glória de Deus. Portanto, todos os santos na terra são ainda pecadores e continuam sendo pecadores em si mesmos tanto tempo quanto são destituídos da glória de Deus. E na mesma medida de tempo estão necessitados da graça.

“Justificados, pois, mediante a fé, tenhamos paz com Deus, por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriemo-nos na esperança da glória de Deus.” Rom. 5: 1, 2.

Os que estão justificados (os que estão dentro do reino da graça) se alegram na esperança da glória de Deus. Eles esperam, gemem, suspiram sua completa restauração como filhos de Deus. Juntamente com Paulo exclamam:

“Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo: se com eles sofrermos, para que também com ele sejamos glorificados. Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós. Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção de nosso corpo. Porque na esperança fomos salvos. Ora, a esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como se espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos.” Rom. 8: 17, 18; 22-25.

Agora bem, estes são os fatos que têm sido claramente expostos: o povo de Deus ficará glorificado coletivamente quan-

---

<sup>1</sup>O verbo está no tempo presente contínuo no grego.



do seus corpos forem transformados por ocasião do segundo advento de Cristo. Todavia, eles não alcançaram essa glória. Pacientemente, porém, aguardam-na em esperança. Enquanto isto eles estão carentes dessa glória de Deus, e nesse sentido são pecadores ainda, e confessam continuamente tal—se assim não fizessem seriam mentirosos (1 João 1: 8). E enquanto esperam que essa glória seja revelada neles, necessitam da graça. A graça deverá reinar até a glória, tal como declara Paulo: “...assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo Nosso Senhor.” Rom.5:21.

A graça é livre (ainda que não barata). Contudo resulta duro para o orgulhoso coração humano aceitar humildemente a dádiva que contém o custoso preço do tesouro celestial. E se os pecadores se pudessem convencer de sua necessidade de graça, sempre ficaria neles uma tendência de quererem livrar-se dela tão logo que pudessem. Querem “pagar sua própria passagem”. Ou, como Martinho Lutero adverte em seu comentário sobre o livro de Romanos, algumas vezes se acham bem apressados para chegar a ser puros e santos, impecáveis. O reformador assemelha a situação do resgatado pecador com a do homem que foi socorrido pelo bom Samaritano. Cristo, o Bom Samaritano, aplica vinho e azeite às feridas do pecador e o conduz até a estalagem para o tratamento final. Encomenda o homem ao cuidado do estalajadeiro com

promessa de pagar tais serviços em seu retorno. O paciente começa a convalescer. Todavia, nenhuma coisa poderia fazer mais dano do que supor-se completamente bom. Como disse Lutero, a igreja é uma estalagem ou enfermaria para o enfermo convalescente. É o redil da graça onde os internados são objetos de cuidado e solicitude especial de Cristo. Enquanto se tenham a si mesmos por pecadores que imploram a misericórdia de Deus, o Senhor os considerará com justos. Quando os espíritos fanáticos na Alemanha tantaram elevar-se acima da justificação pela fé Lutero exclamou: “Livre-me o Senhor de uma igreja onde há somente santos. Quero estar em companheirismo com os humildes, débeis e enfermos que reconhecem e sentem seus pecados e que gemem e clamam continuamente diante de Deus do fundo de seus corações para obter consolação e apoio.”

A verdade de que se obtém justificação continuamente pela graça (Rom. 3: 24. Note o tempo presente contínuo) é conforto e consolação para os santos. Não é isto uma almofada macia onde os hipócritas possam descansar suas cabeças, nem um convite ao presunçoso para brincar sobre a misericórdia de Deus. No caso de que algum espírito antinomiano (contra a lei) perverta a verdade encorajando-se a pecar sem que sinta remorso algum na consciência, queremos dizer isto: aquele que pensa que pode continuar violando a Lei de Deus para que a graça abunde (Rom. 6: 1; 1 Jo. 3: 9) é ladrão e roubador que tenta alcançar o aprisco da graça entrando por outra via que não é a porta (Jo. 10: 1). Os que vivem debaixo da graça sabem quanto custou a Deus e a Cristo conseguí-la para eles. Tais se deleitam na Lei de Deus segundo o homem interior e seu único lamento é saber que sempre estão muito abaixo de suas exigências (Rom. 7: 22-25). Preferem morrer a pecar deliberadamente. Contudo, compreendem que os melhores atos de suas vidas são indignos diante de Deus.

A Lei de Deus não foi posta de lado pela morte de Jesus; são sua penalidade e condenação para com os súditos da graça que foram canceladas. A Lei ainda cumpre sua missão de magnificar o pecado diante do crente para dar-lhe consciência permanente de que a graça deve continuar abundando. (Rom. 5: 20).

## O Reino da Glória

Se bem que é verdade que os pecadores têm entrada no reino da graça, unicamente seres impecáveis podem entrar no reino da glória. O apóstolo disse: “Isto afirmo, irmãos, que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção.” 1 Cor. 15: 50.

“Eis que vos digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas seremos transformados todos; num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista de imortalidade.

E quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de Nosso Senhor Jesus Cristo.” 1 Cor. 15: 51-57.

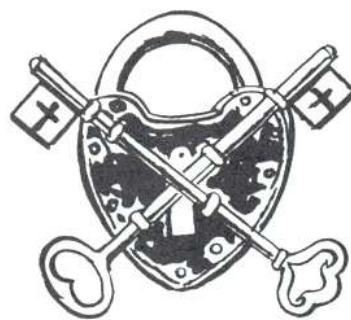
Todo aquele que entrou no reino da graça e se manteve nele será transformado em um ser impecável para entrar no reino da glória.

Pouco se diz na Bíblia acerca do estado futuro e imortal. “...e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar seremos semelhantes a ele...” 1 Jo. 3: 2. Como dizia Lutero, conhecemos tão pouco acerca da vida futura como o que sabe uma criatura no ventre acerca da vida em que está próximo de entrar. Contudo, todo crente sabe disto: No dom do Espírito Santo Deus deu uma antecipação, as “primícias”, o primeiro pagamento das possibilidades do mundo vindouro. (Heb. 6:4,5; Rom. 8:23; Efé. 1:14).

Saiba que a vida não alcança nem pode alcançar complementação neste mundo. Assim como uma grande mudança—o novo nascimento—tomou lugar quando entramos no reino da graça, também deverá ocorrer outra grande mudança antes de entrarmos no reino da glória. Esta mudança final ocorre na ocasião da ressurreição quando Jesus voltar. Esta é a única segunda benção válida e genuína que ensina o Novo Testamento. A verdade da justificação pela fé (o reino da graça) é o que dá significado e esperança à doutrina do segundo advento de Cristo (reino da glória).



# O Evangelho e as Chaves Secretas



Geoffrey Paxton\*

O Evangelho é a maior obra de Deus (Rom. 1: 16). Nunca houve nem haverá maior ou mais poderosa obra que a obra de Deus no Evangelho. Em muitos púlpitos e plataformas a ênfase tem sido desviada da maior obra do Evangelho à assim chamada mais grandiosa obra no coração do crente. Ofusca-se assim o Evangelho nos altares do interesse pela obra do Espírito em nossos corações.

Não há maior obra do que aquela que Deus já efetuou em Cristo Jesus. É suficientemente mau fazer a obra regeneradora do Espírito algo que esteja acima da obra do Filho na Palestina. Porém pior ainda é arrebatá-lo do Céu e encapsulá-lo no interior do crente. Jesus está no Céu como nosso grande advogado, e o Espírito está na terra magnificando a Pessoa e a obra de Jesus e provocando assim o amor da igreja ao mesmo tempo em que coloca doce consolação no coração dos filhos de Deus.

O Evangelho é a única obra substitutiva de Deus. No Evangelho Deus atuou em Cristo mediante o poder do Espírito Santo a nosso favor. Cristo sofreu, o Justo pelos injustos, para trazer-nos de volta a Deus. O Evangelho é aquilo que Deus fez por nós em Cristo. Não temos participação no Evangelho senão por representação no Filho de Deus.

---

\*Geoffrey Paxton é um bem conhecido clérigo anglicano, educador e orador australiano.

A obra do Espírito de Deus no coração do crente não é substitutiva. Cristo, mediante seu Espírito, não obra em nosso lugar. Cristo não vive sua vida por nós em nossos corações. O estender da obra substitutiva de Cristo Jesus à vida do regenerado é uma extensão ilegítima. Não obstante, quão freqüentemente ouvimos esta ênfase! Quão freqüentemente se insta os filhos de Deus a “entregar e deixar que Deus tudo faça”, a “deixarem-se guiar” por esta vida que dizem ter dentro? A quantas congregações e auditórios se diz que a única coisa que se tem que fazer é colocar-se de um lado e deixar que Cristo viva sua vida através deles? Considere as implicações deste insensato tipo de ensino: “Deixe que Cristo viva sua vida através de você”...Se isto pudesse ser realidade implicaria uma de duas coisas: ou o crente poderia viver perfeitamente, ou Cristo agora vive imperfeitamente. Os que ensinam isto que decidam!

O fato indiscutível é que o Evangelho é realismo e que todos que rejeitam de uma ou de outra forma ficam confinados sob os caprichos das extravagâncias de sua imaginação. Se alguém deve ter firmemente plantado seus pés deve ser o crente em Cristo.

O Evangelho é uma manifestação ou declaração. É uma “revelação” um “dar a conhecer” etc. Por conseguinte, dado ser isto o Evangelho, é também o fim dos segredos. O Evangelho é o fim dos “passos secretos” ou das “chaves secretas” que abrem a porta da vitória.

Porém, quantos pregadores têm isto em mente? Quantos são os que negam o Evangelho quando falam de “achar o segredo” ou de “descobrir a (s) chave (s) da vitória” etc.

É certo que os apóstolos pregaram um “segredo” ou um mistério. Mas o fato glorioso é que em Jesus Cristo Deus nos tem dado a conhecer esse misterioso segredo para todas as épocas e para todas as gentes (ver Rom. 16: 25, 26; Col. 1: 26; 2: 2, 3; Efé 1: 9, 10; 3: 4, 5; 1 Cor. 2: 7; 2 Tim. 1: 9, 10; Tito 1: 2, 3).

Deus tinha um plano desde a eternidade; um plano de salvação. Tinha um plano para obter a vitória de seu povo. E este plano foi o “mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações”. Esteve “oculto” (Col. 1: 26; 2: 2), “em outras gerações não foi dado a conhecer”. (Efé 3: 5). Porém (e todos que esqueceram disso tomem nota) Deus nos manifestou

“agora pela aparição de nosso Salvador Jesus Cristo”. (2 Tim. 1: 10). Deus revelou a todos (Rom. 16: 26) no-lo deu a conhecer em Cristo Jesus Nosso Senhor. (Efé. 1: 9).

Portanto, se desejamos ser verdadeiramente bíblicos em nossas pregações não devemos falar de segredos a descobrir, nem de chaves às quais se apegar. Mas, como fizeram Paulo e os apóstolos, devemos falar da “revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos, e agora manifesto ...” (Rom. 16: 25, 26).

Nós proclamamos o Evangelho. Todo poder está no Evangelho. O caminho pelo qual Deus tem planejado trazer a vitória a seu povo está no Evangelho para “todo aquele” que creia. Quando apresentamos este Evangelho do Reino encontramos que Deus trouxe a um fim a história humana em Cristo Jesus. (“vindo porém a plenitude dos tempos”. Gál. 4:4). Então descobriremos que a tão esperada hora da vitória já chegou para nós no advento, morte e ressurreição de Cristo Jesus. De fato, uma nova ordem está em vigência (2 Cor. 5: 17) e todos os que crêem são fiéis participantes nessa nova ordem ou era. Sim, a vida vitoriosa já foi vivida e pela fé na vida vitoriosa do Filho de Deus nos é creditada sua vitória. Tal vida vitoriosa jamais poderá igualar-se. Tal vida vitoriosa é que nos faz desejar verdadeiramente fazer o bem e agradecer ao nosso Pai celestial. Tal vida vitoriosa foi a que Paulo pregou e sobre que nos escreveu em suas epístolas. Paulo se viu comissionado a proclamá-la. Toda sua doutrina e exortação encontra o ponto de partida e sua meta neste Evangelho vitorioso que Deus nos enviou em Cristo Jesus.

Mas, de que vida vitoriosa é que mais ouvimos falar? Da vida vitoriosa *que se efetuou* e está à direita de Deus ou da vida vitoriosa que há de efetuar-se? Fala-se-nos mais da vida vitoriosa de *perfeição* em Cristo Jesus ou da vida “vitoriosa” de freqüente imperfeição do crente? Acaso é a da vida “vitoriosa” que põe a todos os crentes em *um terreno igual* ou da vida “vitoriosa” que divide o povo de Deus em duas classes; os superiores e os inferiores?

O Evangelho é a maior obra de Deus. Não há maior obra que a que Deus tem executado em Cristo Jesus. O Evangelho é a única obra substitutiva de Deus. O Evangelho é uma manifestação ou declaração. É o fim das chaves secretas.

# O Governo Ideal

Cedric Taylor\*

O governo ideal deve combinar os princípios da justiça e da misericórdia. Justiça significa equidade, imparcialidade, a correta aplicação de uma lei inexorável. Porém, quem poderia suportar uma rígida justiça sem uma esperança de misericórdia para com os errantes? Todo aquele que está consciente de suas próprias deficiências terá que mostrar-se tolerante em seu trato com as imperfeições dos demais.

O exercício da justiça e da misericórdia parecem conflitantes entre si. Justiça significa dar a todo homem o tratamento que ele merece. Misericórdia significa tratá-lo melhor do que ele merece. A mente humana tem necessidade de ambos mas acha difícil sua combinação. O governo ideal aplicará justiça absoluta, porém ao mesmo tempo não falhará em mostrar misericórdia. E todo sistema de governo que falhe em combinar a justiça e a misericórdia, cairá algum dia pelo peso de sua própria corrupção. Esta é a razão pela qual a história humana não conhece nenhum sistema permanente de lei e ordem.

Não obstante, o “impossível” foi conseguido. Tal sistema ideal de governo foi já estabelecido. Breve terá de se manifestar e indiscutivelmente (segundo já o disse um grande estadista certa vez), “permanecerá para sempre.”

Assombrosamente este governo ideal não se estabeleceu por força das armas ou por voto popular. Ele foi estabelecido por um único Homem—aquele que morreu na cruz. Você, porém, poderia indagar: “E por que sofreu esta morte mis-

---

\*Cedric Taylor é um médico-cirurgião australiano, ativo na propagação do evangelho.

teriosa? ” “Que teve isto a ver com o estabelecimento de um governo perfeito para os homens? ” A explicação merece uma séria consideração por parte de todo homem que anela ver a soberania de equidade e compaixão na sociedade e nas nações.

O Deus todo poderoso como Criador, Governante e juiz de todos, tem um governo que descansa sobre dois grandes pilares: Justiça e misericórdia (“Justiça e juízo são a base do teu trono; misericórdia e verdade vão adiante do teu rosto.” Sal. 89:14.) Quando alguns de seus súditos incorreram em rebelião e traição, este Juiz teve em suas mãos um problema tal que só mesmo Deus poderia resolver. Se executasse aos rebeldes (o que sua justa lei exige), como poderia satisfazer assim seu fervente anelo de mostrar misericórdia? Por outro lado se ele exercesse a misericórdia como então poderia ser fiel a sua própria e inexorável justiça? Cada princípio é tão forte quanto o outro. O desejo de Deus por mostrar misericórdia era tão forte como o seu anelo para sustentar justiça. Como poderia ele estabelecer seu governo sobre uma base de segurança eterna e mostrar-se fiel a Si mesmo?

De tudo isto fala a cruz do Calvário. O juiz de todos veio a este planeta na pessoa de Jesus Cristo. Sendo o Senhor de todos se fez servo de todos. Deixou seu trono porque seu amor lhe mostrou esse caminho. Sendo inocente tomou voluntariamente nosso lugar e assumiu a nossa culpa. A justiça demandava que o pecado fosse castigado e executada a pena de morte. Este Filho de Deus infinito sofreu como nós realmente merecemos para que nos pudesse ser dado o trato que ele merece. A justiça divina desembainhou sua espada contra nosso

substituto. O sofrimento de Cristo era incompreensível. Contudo, não houve alívio até que se satisfizesse plenamente a justiça pelos pecados do mundo inteiro. Os que supõem que Deus é indulgentemente frouxo deveriam olhar a cruz do Calvário a fim de ver que o Governante do universo está investido de uma justiça imparcial e terrível.

Não somente deveria a justiça ficar plenamente satisfeita mas também a misericórdia. Na cruz a misericórdia de Deus deve ser vista tão forte como sua justiça. Na cruz Deus absolveu o mundo inteiro de sua culpa e perdoou toda a raça. “. . . se um morreu por todos. . .” disse São Paulo, “logo todos morreram.” 2 Cor. 5:14. Isto significa que desde que Cristo morreu no lugar de todo homem é o mesmo como se todo o homem tivesse morrido e pago a pena de seus próprios pecados. A ressurreição de Cristo da morte é o testemunho de Deus para nós de que Cristo tirou os pecados do mundo, que fomos redimidos, que a misericórdia mais alta que os céus e mais profunda que o inferno nos tem sido estendida por causa de Jesus.

O antigo profeta declarou a respeito de Jesus: “. . . e o principado está sobre seus ombros. . .” Isa. 9:6. Isto se deve ao fato de que a justiça e a misericórdia se encontram em Jesus Cristo e “se beijaram” Sal. 85:10. Por tal razão, Deus designou a Cristo para ser Juiz e Governante de todos. Com ele e unicamente nele há perfeita justiça e misericórdia.” Se confessarmos os nossos pecados ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados. . .” 1 João 1:9. A própria justiça estabelece que em Jesus, o crente é justo. Se repudiarmos sua misericórdia e continuarmos repudiando sua lei a própria misericórdia nos castigará com “eterna perdição” 2 Tess. 1:9.

Se Cristo pensou que o governo de Deus era algo digno de por ele morrer, temos de crer que seu reino é algo digno de por ele viver. Não podemos ajudar a estabelecer tal reino. Isto já foi feito. Nem podemos ajudar a manifestá-lo ao mundo, pois será feito quando Jesus vier em poder e grande glória. Mas nós podemos exaltar as virtudes e bondade d'Aquele que fez isto possível. E estendemos-lhe o convite do Rei para participar de sua sociedade ideal: A “qualquer que queira! ”

# Subscrições Grátis

Você já uniu-se a lista de subscritores do **Pregoeiro da Justiça**? Se não o fez, é convidado a fazê-lo agora mesmo. As subscrições são grátis a quem solicitar pessoalmente. Simplesmente envie seu pedido com nome e endereço ao seguinte endereço:

**Pregoeiro da Justiça**  
P. O. Box 700  
Fallbrook, California 92028 EE.UU.

Desejo unir-me a lista regular de subscritores para continuar recebendo gratuitamente o **Pregoeiro da Justiça**.

Desejo unir-me também a sua lista de subscritores para receber suas publicações em lingua espanhola.

Envio-lhe juntamente uma lista de nomes e endereços de meus amigos para que recebam um exemplar gratuito e possam ter a oportunidade de subscrever-se por sua própria conta.

Nome \_\_\_\_\_  
(use letra de forma)

Endereço \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## Formulário do Pedidos

Indique quantos exemplares e envie seu pedido com nome e endereço.

### *PREGOEIRO DA JUSTIÇA*

\_\_\_\_\_ Vol. 1, Núm. 1 “O Batismo do Espírito Santo”

\_\_\_\_\_ Vol. 1, Núm. 2 “Justificação—Católica versus Protestante”

\_\_\_\_\_ Vol. 1, Núm. 3 “A Mensagem de Paulo Sobre a Justificação”

Nome \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

